

Bruno Torturra na revista Piauí: Em busca das funções do diário na narrativa de fundação da Mídia Ninja¹

Marcello Riella Benites²

Resumo

O artigo “Olho da Rua”, publicado por Bruno Torturra³, na revista Piauí, em dezembro de 2013, contempla as funções de diário. Esse gênero historicamente marcou a literatura, mas somente ganhou espaço na pesquisa acadêmica com Phillipe Lejeune, a partir da década de 1970. Hoje, o diário tem novas versões como “escrita do eu” na internet. “Olho da Rua”, mesclado com posts do Facebook, é “escrita do eu” riquíssima em elementos das narrativas midiáticas contemporâneas hipertextuais, fragmentárias e ficcionalizantes. Este trabalho se propõe a identificar elementos evidenciados por autores especialistas nas narrativas do “self”, como o próprio Lejeune, e ainda Paula Sibilia e Denise Schittine. Numa busca identitária pessoal e profissional, Torturra se beneficia das funções/especificidades do diário, como as de arquivo, datação, construção de imagem/identidade e deliberação.

Palavras-chave: funções de diário; redes sociais; Mídia Ninja; jornalismo; Manifestações de Junho

Publicado pelo jornalista Bruno Torturra na revista Piauí, edição de dezembro de 2013, o artigo “Olho da Rua” contempla as funções de diário preconizadas por Phillipe Lejeune em “O Pacto Autobiográfico”, edição original de 1975. O gênero diário, embora importante na literatura, só ganhou status de campo de estudos acadêmicos com Lejeune, a partir dos anos 1970. Atualmente, o gênero diário ganha espaço como “escrita do eu” em blogs e redes sociais. “Olho da Rua” é, assim, uma “escrita do eu” por excelência, riquíssima em elementos típicos das narrativas midiáticas contemporâneas, pelo que tem de hipertextual, fragmentária e ficcionalizante, para citar apenas alguns aspectos.

O exercício a que nos propomos é percorrer o texto de Torturra, identificando esses elementos e funções evidenciados por autores especializados nas narrativas do “self”, como o pioneiro Philippe Lejeune (2008), e ainda Paula Sibilia (2008) e Denise Schittine (2004). Procuraremos perceber como o jornalista se beneficia das funções atribuídas, sobretudo em Lejeune, ao diário, mesmo não sendo esse o gênero do artigo estudado. Nesse percurso

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem (PPGCL), da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf), Campos dos Goytacazes-RJ.

³ Jornalista, fundador do grupo Mídia Ninja (Narrativas Independentes Jornalismo e Ação), que marcou a cobertura das Manifestações de Junho de 2013 ao surpreender a grande mídia com transmissões de vídeo feitas por jovens sem formação jornalística; munidos apenas de celulares e notebooks, via redes sociais, ao vivo, diretamente das ruas e sem cortes; revelando, por exemplo, estratégias policiais para incriminar manifestantes.

conheceremos um pouco da história da Mídia Ninja (MN), narrativa midiática sem vínculo com a mídia convencional, que vem impactando na cobertura dos movimentos sociais e no questionamento ao jornalismo tradicional.

Bruno Torturra, 35 anos, já trabalhou na Folha de S. Paulo e na revista Trip. Ele é o fundador, com Pablo Capilé, da Mídia Ninja, coletivo de produção e divulgação de vídeos nas redes sociais, que se ocupa da cobertura das ações dos movimentos sociais. Ninja é a sigla para Narrativas Independentes Jornalismo e Ação. O grupo se destacou na cobertura das chamadas Manifestações de Junho de 2013 (que chamaremos também de Jornadas de Junho), ao divulgar os protestos em longas transmissões ao vivo, sem cortes e de forma engajada, surpreendendo – com grande audiência, inclusive – os meios de comunicação tradicional. Com isso, a MN desmascarou tentativas dos governantes, da polícia e da grande mídia no sentido de tachar manifestantes de baderneiros e até incriminá-los – é claro que não defendemos aqui as ações por princípio violentas, como as dos Black Blocs que também atuaram nas Manifestações de Junho.

O artigo se desenvolve numa linguagem que varia entre a jornalística, a norma urbana de prestígio, o estilo coloquial e o literário. Com um texto de 56 mil caracteres (cerca de 24 páginas de folha A-4, em fonte Times New Roman, corpo 12), tem como suporte o site ou a versão impressa da Piauí, uma das poucas publicações a acolher textos com essas características de tamanho, liberdade de estilo e de vertente ideológica não dominante. De fato, a Piauí é uma das principais revistas – se não a mais importante – a acolher no Brasil o chamado “New Journalism”⁴, gênero que, se não enquadra exatamente o artigo de Torturra, tem nele significativos ingredientes em comum.

Datação

Entre os elementos que Lejeune atribui à escrita íntima, notadamente, ao diário, Torturra lança mão de alguns que permitem perceber o hibridismo entre os gêneros contemporâneos. Claro que o texto não é a página de um diário, mas é datado (registrado como data), em nossa opinião, com a mesma função que o autor francês atribui ao registro temporal dos diaristas. O artigo começa com um post do Facebook.

⁴ “Uso de recursos de ficção em textos jornalísticos de não-ficção. Desenvolvido pelo jornalista norte-americano Gay Talese, esse gênero de redação busca na ficção os ingredientes necessários para que uma história se torne mais interessante aos olhos do leitor (RABAÇA & BARBOSA, 2002, p. 508)”.

1º de agosto de 2013. Eita. Confirmou... Segunda que vem, eu e Pablo Capilé seremos sabatinados no Roda Viva sobre a Mídia Ninja. Animado para conversar sobre o projeto, esclarecer dúvidas e rumores, falar da ascensão do jornalismo independente em tempos de crise do modelo comercial de comunicação... E em pânico, quase me convertendo a Cristo, para domar minha crônica e inabalável gagueira em situações públicas. De todo modo... bora! 938 Curtir 132 Comentários 127 Compartilhamentos (TORTURRA, 2013, acessado na versão on-line).

“A base do diário é a data. O primeiro gesto do diarista é anotá-la acima do que vai escrever (...). Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário, para cair na autobiografia” (LEJEUNE, 2008, p. 260). Ao datar trechos de seu artigo, procedimento que, como veremos, marcará todo o texto, o jornalista “fixa o tempo passado” (LEJEUNE, p. 262), o que dá força e credibilidade ao relato presente.

E se pensarmos que a conceituação de Lejeune não se aplica a Torturra, por não estar o brasileiro escrevendo um diário, o final do trecho – “938 Curtir 132 Comentários 127 Compartilhamentos” – esclarece. Sim, o fundador da Mídia Ninja é um diarista. Seu texto é todo enxertado com posts do Facebook, onde faz registros sistemáticos de ações e opiniões, e tem mais de 14.233 seguidores (número anotado em 30/09/2014).

Escrita íntima, (des)controle discursivo

No texto da Piauí, mesmo quando não utiliza os posts, o jornalista flerta com a escrita íntima, justamente com a naturalidade com que expõe sua *intimidade*, por exemplo, ao descrever a “ansiedade galopante” que viveu momentos antes da entrevista no Roda Viva. Disse que ficou “prostrado diante do vaso” e descreveu cenas deprimentes, com artifícios para vencer a gagueira, num banheiro da TV Cultura, emissora responsável pelo famoso programa de entrevistas.

Conta ainda que no mesmo dia recorreu a uma médium, uma terapeuta neurolinguística e uma fonoaudióloga para tentar resolver a gagueira. E arremata: “Ao sair do banheiro, repetia comigo: (...) Foco, rapaz. Foco. A paz que eu buscava (...) só viria com um determinado e conveniente ‘Foda-se!’ Não havia plano B”. Torturra e Capilé foram sabatinados durante 90 minutos pelos jornalistas Alberto Dines, Caio Túlio Costa, Eugênio Bucci, Suzana Singer e Wilson Moherdauí, tendo Mario Sergio Conti como apresentador.

Em seu relato dos primeiros momentos da Mídia Ninja, vivenciados na capital paulista, Torturra deixa transparecer o sujeito descentrado e dividido da psicanálise (AUTHIER-

REVUZ apud BRANDÃO, 2010, p. 67). O sujeito que ele representa diante dos entrevistados não tem controle total sobre o próprio discurso. Diante das perguntas, “Bruno, o que é a Mídia Ninja, o que faz, como se mantém? Vocês consideram o que fazem jornalismo?”, as respostas que ele lembra ter dado foram muito seguras: “Uma sigla. Uma rede. E, sim, claro que é jornalismo!” Porém...

Ah... Confesso que eu me estenderia demais se pudesse ser inteiramente sincero. Essa mesma pergunta era feita a todo momento por amigos, colegas, curiosos, detratores, e a verdade é que eu ainda não conseguia respondê-la, nem para mim mesmo. *Descobrir o que é, o que faz, como manter a Mídia Ninja – e o que merece ou não o nome de jornalismo na segunda década do século XXI* –, isso tudo de alguma forma acabou se tornando meu ofício antes de a sigla NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) aparecer (TORTURRA, 2013).

(Grifos, sempre nossos)

Após mencionar o alívio com o fim da entrevista – aquele foi um momento de consagração para a MN, juntamente com a utilização no Jornal Nacional de imagens dos protestos feitas pelo grupo –, Bruno fala que ele e Capilé foram alvos de “dez dias de linchamento digital” com acusações contra o Ninja e contra o Circuito Fora do Eixo (FdE), ao qual é vinculado. O FdE, uma rede de coletivos culturais que se destacou por dar viabilidade econômica ao trabalho de músicos sem acesso ao mercado fonográfico, era acusado de explorar artistas e jovens militantes. Bruno rechaça essas versões.

Estetização do Eu x espetacularização do Eu

O artigo também analisa o Facebook – “senti na pele que o hiperfluxo contínuo e frenético de posts estava se tornando a antítese da reflexão e da capacidade de informar. Tudo na rede era de alguma forma crível e equivalente” – e chega a um ponto bastante caro às autoras citadas acima, a fama: “Se foi muito graças a ele [o Facebook] que consegui me tornar uma voz pública, agora, à medida que me tornava mais e mais objeto de pauta, e não repórter, o mesmo Facebook começava a me dar ojeriza”.

“Senti na pele que o hiperfluxo contínuo e frenético de posts”... Essa linguagem, que lembra o estilo do cult *Neuromancer*, de William Gibson, revela uma evidente *estetização do eu*. Torturra, porém, ao questionar-se sobre a extrema exposição e dinâmica de confronto nas quais a rede social lança seus usuários, lida de forma diferenciada com a notoriedade.

Nossa opinião é de que seu caso seja *a exceção que confirma a regra* enunciada por Sibilia. Segundo ela, existe uma espécie de...

...injeção de dramatismo e ‘estilização midiática’, que tomou conta do mundo ao longo do século XX, foi nutrindo uma vontade de acesso a uma experiência intensificada do real. Uma espécie de realidade incrementada cujo grau de eficácia é mensurado, paradoxalmente, com padrões midiáticos. Por isso, se o paradoxo do realismo clássico consistia em evitar ficções que parecessem realidades, lançando mão de todos os recursos de verossimilhança imagináveis, hoje assistimos a outra versão desse aparente contrassenso, uma ânsia por inventar realidades que pareçam ficções. Espetacularizar o eu consiste precisamente nisso: transformar nossas personalidades e vidas (já nem tão) privadas em realidades ficcionalizadas com recursos midiáticos (SIBILIA, 2004, p. 19).

O “Ninja” fala de seu afastamento das redes para preservar sua “sanidade mental”, pois a fama havia criado demandas excessivas: “eu não estava preparado”. E queixava-se: “Não me sentia mais um jornalista. Era antes um gerenciador de crises”. Aqui percebemos que tanto os posts no Facebook quanto o artigo da Piauí foram para ele uma espécie de (re)construção da identidade, após o extremo estresse das Jornadas de Junho. Vejamos o que Lejeune diz a respeito.

Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de “identidade narrativa”, como diz Paul Ricoeur, em que consiste qualquer vida. É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando, *passo a limpo os rascunhos de minha identidade*, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias de narrativa, ao contrário, sou fiel a minha verdade; *todos os homens que andam na rua são homens-narrativas e é por isso que conseguem parar em pé*. Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que corresponde a esse imaginário está do lado da verdade. Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção (LEJEUNE, 2008, p. 110).

Construção da imagem/identidade

E ainda, ao falar especificamente das funções do diário – “Qual seria a sua utilidade?” – Lejeune introduz a ideia de “construção da imagem” referindo-se a registros no papel.

Percebemos que aqui ele se refere ao texto *aurático* (segundo Walter Benjamin) no caderno que volta para a gaveta após o registro. Mas devido à hibridação já mencionada, entendemos que se aplica ao relato do jornalista.

É certo que só é possível viver com alguma autoesima, e *o diário será, como a autobiografia, o espaço de construção dessa imagem positiva*. Mas ele também pode ser espaço de análise, de questionamento, um laboratório de introspecção. No diário, o autorretrato nada tem de definitivo, e a atenção dada a si está sempre sujeita a desmentidos futuros. A aventura do diário é, portanto, muitas vezes vivida com uma viagem de exploração, ainda mais *que esse conhecimento de si não é uma simples curiosidade, mas condiciona a continuação da viagem: é preciso escolher e agir* (LEJEUNE, 2008, p. 263).

A sequência da narrativa na Piauí menciona dificuldades econômicas do autor, devido ao longo período de trabalho voluntário, e fala do adiamento do plano de financiamento coletivo do Mídia Ninja, por meio de pessoas e entidades interessadas na cobertura alternativa que o grupo realizava. A própria ampliação e articulação da MN foi “implodida pela realidade” como veremos adiante, quando o estouro das manifestações fez com que se priorizasse a ação em vez da organização. A matéria publicada sobre a Ninja na revista Carta Capital, assinada por um ex-colega do Circuito FdE, é lembrada como um “golpe baixo”. A chegada de Torturra ao FdE e o surgimento da PósTV, embrião da MN, são recordadas, bem como a amizade com Capilé e a ação cultural e política do Circuito: “Jamais conheci comunidade tão interessante e generosa, tão pacificamente revolucionária. E tão interessada em trocar ideias sobre mídia e política – e experimentá-las na prática” (TORTURRA, 2013).

Em seguida, mais uma vez, o autor utiliza o artifício de datação e a menção a curtidas, comentários e compartilhamentos típicos do Facebook – os números são significativos – que, como já acenamos, aproximam o texto do gênero diário. Trata-se de um esclarecimento sobre acusações da reportagem da Carta Capital, pontuado com asteriscos como marcadores, que aqui omitimos.

16 de agosto de 2013. Lamento ter que entrar em detalhes, mas esclarecendo a matéria mentirosa da Carta Capital: Não. Não sou porta-voz de ninguém. As únicas ordens que sigo são as da minha consciência. Minha autonomia não é negociável.

Não. Não sou candidato. Nem serei. Mesmo. Não tenho agenda secreta alguma. Não tenho a menor ideia de como funcionam as entranhas da política institucional. Não tenho qualquer interesse em fazer parte do jogo partidário. Não. Não sou “marinista”. Assinei a ata de fundação da Rede porque acredito que será um partido importante e, tomara, trará a pauta ambiental mais forte nas eleições. O que, independente de Marina, é o assunto mais importante de todos. Acordem. Lamento que a imagem da política nacional seja tão tóxica e apodrecida que uma pessoa que, como eu, não abre mão da felicidade, sintasse repelida pela mera possibilidade de um cargo político. O repórter nunca me telefonou, apesar de ser meu amigo, para checar, me escutar, me perguntar sobre as graves acusações que fez a meu respeito. Isso não é jornalismo. Alguma dúvida? 826 Curtir 81 Comentários 125 Compartilhamentos (TORTURRA, 2013).

O sujeito-jornalista em crise e a função de “deliberação” do diário

Em seguida, uma menção enfática a demissões nas redações da imprensa paulista, inclusive, na revista Trip, e que atingiram Torturra. Junto com o falecimento de dois personagens emblemáticos para o jornalismo paulista e nacional, Ruy Mesquita, proprietário do Estado de S. Paulo, e Roberto Civita, dono da Editora Abril, as demissões configuravam um quadro favorável, na opinião do fundador do Ninja, para a convocação de uma reunião, no Vale do Anhangabaú, visando a ampliar e melhorar a articulação do grupo.

Nesse contexto, Bruno menciona uma crise do jornalismo tradicional: “A crise era do modelo comercial de produção e difusão” e “(...) havia uma crise ainda mais profunda do que a financeira. Uma crise existencial no jornalismo” (TORTURRA, 2013). Percebemos em todo o texto *que essa crise do jornalismo é também uma crise do autor como “sujeito-jornalista”*, que *se (re)constrói pelos mecanismos da escrita de si*, como já mencionamos. E ainda, percebemos que também aqui se cumpre a função do diário de “deliberar” mencionada por Lejeune:

Esse exame não se refere apenas ao que é, mas também ao que será. O diário está voltado para o futuro. Fazer o balanço de hoje significa se preparar para agir amanhã. Há em mim debate e diálogo: passo a palavra às diferentes vozes de meu “foro íntimo”. Essas decisões podem se repetir, levar a uma decisão ou, ao contrário, estimular a hesitação. Mas escrever força a formular os desafios e os argumentos, deixando vestígios que poderão ser repensados. O diário também permite acompanhar de perto uma tomada de decisão. (...) O diário não é

forçosamente uma forma de passividade, mas um dos instrumentos da ação (LEJEUNE, 2008, p.263).

E vemos que a ação/deliberação de Torturra é exercitada e preparada pelos posts no Facebook e por textos como o da Piauí. *Ele vai à procura dessa identidade do “sujeito-jornalista” que busca uma saída para o ofício de informar: “Se das redes e da inteligência coletiva emergisse um modelo capaz de sustentar e arejar a profissão, quem sabe o jornalismo não encontraria uma nova idade de ouro”* (TORTURRA, 2013). Segundo ele, essa nova era seria o mínimo que se poderia “esperar da sociedade hiperconectada”.

Confirmação do status de diarista / Escrevendo em tom épico

Porém, a reação ao convite para a reunião da Mídia Ninja, convocando pessoas, não necessariamente com formação jornalística, para compor e reforçar o grupo foi rechaçada por muitos colegas que não viam no projeto nenhuma “idade de ouro” da profissão.

Nunca, em onze anos de profissão, um texto meu repercutiu tanto. Cerca de 250 mil visualizações e mais de mil e-mails na caixa em três dias. Havia uma fila de críticos e outra de desafetos que, antes de a MN existir, já a acusavam de ser “a morte do jornalismo”. Jornalistas de todas as idades me trataram com hostilidade. Os mais mansos me chamaram de mal-agradecido, eu estaria cuspiendo no prato em que comi. Os menos mansos viam em mim um Judas, um insensível, um oportunista atrás de mão de obra gratuita. Outros tantos, em privado, perguntavam como poderiam participar (TORTURRA, 2013).

Mesmo com toda essa rejeição, mais de 300 pessoas atenderam ao convite. Entretanto, a reunião havia sido marcada para o dia que seria o auge das manifestações...

13 de junho de 2013. AVISO URGENTE SOBRE A REUNIÃO NINJA⁵. Por conta da dimensão do protesto previsto para o final da tarde, muitos confirmados nos procuraram, questionando a segurança ou a viabilidade da reunião. Em virtude da grande proximidade da concentração dos manifestantes e do local marcado para nosso encontro, ambos no Vale do Anhangabaú, estamos cancelando a reunião de hoje. Mas se o encontro era para discutir novos modelos possíveis para um

⁵ Não observamos a orientação do evento de evitar caixa-alta, pois trata-se de citação literal do post do Facebook, com evidente intenção comunicativa de ênfase dada pelo referido autor.

jornalismo independente, ninja convoca todos os jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas e comunicadores a participar de uma grande cobertura, em tempo real, direto dos protestos. 223 Curtir 15 Comentários 12 Compartilhamentos (TORTURRA, 2013).

Observamos aí, novamente, o post do Facebook datado. E confirmamos, assim, o status de Tortura como diarista. Não “estava diarista” no artigo da revista *Piauí*, mas revelou-se como tal ao costurar seu texto a partir dos posts no Facebook, datados e com mesma função de registro simultâneo que vemos no diário *aurático*. Em seguida, o texto assume um tom épico na narrativa dos protestos, embates com a polícia e a intrépida ação dos repórteres Ninja: “Como muitos, escapei, em direção à rua Augusta, pela praça Roosevelt. Foi ali que me perdi dos companheiros da Mídia Ninja. Sem câmera na mão, as mucosas queimadas pelo gás, fiquei atônito diante da barbárie”.

Como um “contador de histórias”, o autor aparece ao lado de celebridade política

O jornalista menciona também o encontro, entre ele, Capilé e José Dirceu, história na qual podemos perceber também o desejo de construção de autoimagem por parte de um autor-narrador-protagonista *interessado em figurar perto de um personagem histórico*: “Dirceu queria saber, de quem tinha estado na rua e entendia das redes (nós!), que cargas d’água estava acontecendo. E nós queríamos saber o que um dos maiores articuladores políticos do Brasil pensava daquilo tudo” (Torturra, 2013). O trecho é devidamente precedido do registro de tempo (desta vez, não como um post do Facebook) – “Manhã, de 14 de junho” – denotando a credibilidade que o autor, por meio da marca temporal, quer conferir ao enunciado: seu encontro com José Dirceu.

Após o encontro com o ex-Chefe da Casa Civil, Torturra lembra a escalada dos protestos pela baixa da tarifa dos transportes coletivos, liderada pelo movimento Passe Livre, e faz um retrato da diversidade dos participantes: “Baita salada ideológica no Largo da Batata. Patriotas, comunistas, esquerda do PT, PSTU, classe média “Cansei”, anarcopunks. Muita gente, sabendo ou não, se odeia por aqui. Todo mundo junto. Estou adorando. #sp17j #midianinja. 383 Curtir 14 Comentários 46 Compartilhamentos (TOTURRA, 2013)”.

Vale a pena citar aqui a característica de hipertextualidade, pois o artigo oferece entradas (“#sp17j #midianinja”) para outros textos, no Twitter e no Facebook.

A função de arquivo do gênero diário

Queremos evidenciar aqui a função de arquivo mencionada por Lejeune (2008). No caso um arquivo que pode ser acessado em outra rede social, o Twitter, a partir da hashtag #sp17j #midianinja, sobre o dia 17 de junho, num precioso registro, por ter *fixado no tempo* o “calor” das manifestações à época. Ainda hoje, os Ninja podem obter desse registro da hashtag os benefícios de arquivo: a emoção e a descrição de ver e ouvir os fatos, exatamente como foram registrados em vídeo no dia 17 de junho de 2013. Benefícios que julgamos semelhantes aos que Lejeune relata pensando no diário de um adolescente, mas que são propriedades de todo arquivo. Podemos pensar na MN que vivia sua mais tenra infância, naquela ocasião, além, é claro, da juventude característica dos integrantes do grupo⁶.

O diário é, no tempo (...), um arquivo. Escapo ao presente para me comunicar com um imenso porvir. Constituo reservas para um futuro escritor, e vestígios para um futuro adulto que ajudo registrando sua história, e que me ajudará mais tarde compreendendo melhor do que eu a confusão em que vivo. Fazemos favores um ao outro através do tempo (LEJEUNE, 2008, p. 311).

Citamos também o registro de Schittine sobre esse tema:

O diário serve para registrar sensações e situações que o autor acredita que nunca mais voltarão a acontecer. Ele funciona como um arquivo ao qual o diarista pode retornar sempre que quiser se lembrar de sua situação de vida num determinado momento, do quanto amadureceu ou retrocedeu em sua maneira de ser e de como suas decisões e seu modo de pensar mudaram (Schittine, 2004, p. 115)

E a autora aprofunda o aspecto mais existencial da importância do arquivo: “O fato é que, atualmente, temos a impressão de que cada dia vivido leva com ele lembranças irrecuperáveis. Que os indivíduos sofrem de uma amnésia crônica e têm a sensação de deixar de ‘existir’, de deixar de ocupar seu lugar no mundo por causa disso”. Ela diz que é sempre mais difícil, atualmente, construir bases duradouras, porque é imensa a quantidade de informações que nos chegam e que devemos elaborar a cada dia, com uma consequente demanda de memória em ritmo cada vez mais acelerado. O suporte informático ou virtual se oferece cada vez mais como um arquivo seguro e suficientemente vago dando-nos uma

⁶ Mesmo se Bruno tinha 35 anos, a maioria dos Ninjas tem média de idade pouco acima dos 20.

sensação de controle sobre a memória que nos dá alívio e segurança de que não perderemos nada (nenhuma informação).

Após, seguem mais relatos sobre as manifestações, como a prisão do Ninja Filipe Peçanha, liberado, por pressão popular depois de ser filmado no ato por um “enxame” de celulares. Com tantos registros viralizados no ciberespaço, ficou impossível à polícia provar qualquer motivo para prender o jovem. Aqui merece espaço uma reflexão sobre a aproximação com a realidade que até mesmo *a má qualidade dos vídeos conferem aos registros. A qualidade das imagens transmitidas – com tecnologia streaming⁷ – pela Mídia Ninja não é boa, mas vale pelo verossímil, outro tema teorizado no campo da escrita de si*. Ganha um maior impacto de proximidade com o real, inclusive, *e até devido* ao fato de não ter a qualidade das emissoras convencionais, sobretudo no momento em que estas perdem credibilidade, no caso das manifestações, por tentar desqualificar e criminalizar os protestos.

E as transmissões independentes também diferenciam-se das tradicionais, por serem ininterruptas, sem cortes e sem roteiros, já que não são estimuladas por anúncios, como as da TV comercial, o que inclusive, dá a elas um acréscimo de independência. *Mais vale o “cheiro” de real do que a qualidade técnica*. É o que registra o trecho abaixo mostrando o *engajamento*, outra diferenciação, esta, por sua vez, verificada numa comparação entre os Ninja, que tomam partido nas manifestações, e os repórteres comuns, que, pelo menos quanto à deontologia jornalística, devem pautar-se numa reportagem objetiva dos fatos.

O jornalismo de baixa resolução e alta fidelidade viralizou pelo Twitter. Em vinte minutos de transmissão tínhamos 2 mil espectadores. Em trinta minutos, 15 mil. Quando NINJA virou trending topic, havia 30, 40 mil espectadores simultâneos. Filipe nunca aparecia diante da câmera, nem dizia seu nome. Descompromissado com a suposta neutralidade do repórter de tevê, ele se indignava, se exaltava, xingava e sucumbia à adrenalina inevitável numa situação como aquela (TORTURRA, 2013).

Mídia Ninja assume e perde (sic) o “controle narrativo” das manifestações...

⁷ “A tecnologia *streaming*, ou de fluxo contínuo, veio resolver um dos problemas mais sérios dos usuários de mídia digital no computador (áudio ou vídeo): o tempo de espera para completar o download. Na prática, o *streaming* permite que o usuário vá acompanhando o conteúdo enquanto o download se processa pois baixa o arquivo por partes, executando as já percebidas ao mesmo tempo em que faz o download das seguintes (TRIGO-DE-SOUZA, 2003, p. 92-99)”. Acrescentamos que a espera do download da parte ou pacote seguinte gera um *delay*, um atraso que prejudica a qualidade da transmissão.

O autor relata então a revogação dos aumentos das passagens de ônibus⁸, o envolvimento e aperfeiçoamento da Mídia Ninja e a rejeição dos manifestantes aos movimentos e a qualquer entidade que quisesse manipular os protestos, principalmente, os partidos. Nesse momento, o fato eleva a MN a um protagonismo ainda maior nas Jornadas de Junho.

Em meio à fauna ideológica, a previsão comprovada: *o Passe Livre havia de fato perdido o controle narrativo das manifestações*. E, diante do prédio da Fiesp, transformado em um telão em que flamulava a bandeira do Brasil, diante do qual milhares, de meia em meia hora, cantavam o hino, o Passe Livre se retirou não apenas da avenida: no dia seguinte anunciou que daria um tempo nas convocações às ruas. (...) *A única organização que estava criando uma narrativa em torno dos protestos em todo o país, e ao mesmo tempo sendo percebida como fruto deles, e fragmentária como eles, era a nossa* (TORTURRA, 2013).

Torturra conta como “o plano do início do mês [junho], de estruturar uma rede, pensar uma teia editorial, organizar pautas e equipes, estudar a viabilidade financeira da Mídia Ninja não estava simplesmente adiado. Havia sido implodido pela realidade”. *A fragmentação característica das narrativas midiáticas contemporâneas se manifesta claramente. Não só o sujeito como indivíduo, é descentrado, mas também o sujeito coletivo:*

O crescimento súbito, a fama meteórica e a ausência de nomes e rostos entre os Ninjas acabaram criando um fenômeno decisivo para a transformação da MN. Por mais que tentássemos, não éramos mais um veículo, mas uma estética, uma modalidade de jornalismo que se confundia com ativismo. Pipocavam, uma atrás da outra, páginas de sucursais da MN de gente que nunca havia nos procurado. Garotos transmitiam com seus celulares, em primeira pessoa, e compartilhavam seus links com o hashtag #MidiaNinja. Blogs reuniam todos os streamings de rua simultâneos pelo país como se todos fizessem, e não faziam, parte de nossa rede. Perdíamos o controle sobre quem falava em nome da Mídia Ninja. E, longe de nos incomodar, abraçamos o carma com um slogan: “Somos todos Ninjas (TORTURRA, 2013).

Autoficcionalização e hibridação para o estilo literário

⁸ Como se sabe, a reivindicação nacional pela diminuição dos preços das passagens foi o estopim das manifestações, liderada pelo movimento Passe Livre.

Segue mais uma caudalosa quantidade de informação sobre crescimento e números da MN que se torna pauta da grande mídia brasileira e desperta interesse internacional. Torturra chega a falar na Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados e passa a dar palestras em todo o país, despedindo-se definitivamente do problema da gagueira. E ele chega a ser incentivado a candidatar-se a uma vaga na Câmara. Assim mesmo, quando parece no auge do sucesso, o autor-narrador-protagonista⁹, não obstante continuar seu investimento na “estetização do eu”, foge à regra, abrindo mão da “espetacularização do eu”. O trecho abaixo revela construção (ou crise) de identidade e necessidade de autoficcionalização: Bruno se diz alguém mais interessado na “felicidade” que nos embates político-midiáticos, dos quais, entretanto, parece não afastar-se por mais que deseje ou diga desejar.

Se a questão da mídia e da política crescia internamente como algo crucial no jogo pessoal e coletivo, havia um norte em parte esquecido em minhas decisões recentes. Minha saúde mental, espiritual. Minha felicidade. A garantia de um lastro de sentido e propósito antes de agir. A catarse de junho ganhava, enfim, uma dimensão interna. *Depois de meses em que minha figura pública e minha autoimagem se confundiam com um perfil no Facebook*, tudo o que eu não precisaria era de uma campanha eleitoral. Em resumo: Deus me livre! (TORTURRA, 2013)

E como exemplo da hibridação do estilo já referida, da escrita de si com suporte impresso ou virtual, a conclusão do artigo do Ninja Bruno Torturra vem em tom literário.

Fui à praia. O mar do Arpoador estava forte, rápido, imprevisível. Peguei meu celular para uma foto. Mas foi ver o mar salpicado de surfistas pela tela e me senti ridículo. Quase tive vontade de atirar o aparelho na água antes de ver o adesivo da Mídia Ninja colado em suas costas. Voltei à ressaca coalhada de surfistas subindo e sumindo atrás das vagas. E descendo pelo caos iridescente das ondas, rente às pedras, sob o real risco da morte, em nome de muito mais do que mera adrenalina ou aplausos dos que estavam em terra firme. *Num súbito frio na barriga, a narrativa de 2013 fez todo o sentido do mundo*. A ficha caiu: streaming, em português, é apenas o gerúndio de fluir, do fluxo que corre. (TORTURRA, 2013)

O estilo literário concede a liberdade da ficção e da autoficção. Também entram no jogo, em “Olho da Rua”, a hibridação de elementos de memória pessoal, sempre selecionada subjetivamente;

⁹ A convergência dos papéis de autor, narrador e protagonista (“personagem”) é um dos elementos do “pacto autobiográfico”, feito entre escritor e o leitor, para que uma obra seja considerada autobiografia, convergência preconizada por Lejeune (2008, p. 36), em seu esforço de consolidar a *escrita de si* como gênero.

objetividade jornalística, por mais que se evidencie a contradição com a ficcionalidade; arquivo individual e coletivo; engajamento política, mas também distanciamento pessoal. O autor, nessa conclusão, aproxima-se ainda mais daquilo que no *New Journalism* é a busca – na liberdade concedida pela ficção – dos “ingredientes necessários para que uma história se torne mais interessante aos olhos do leitor (RABAÇA & BARBOSA, 2002, p. 508)”.

Considerações finais

Procuramos encontrar no texto de Bruno Torturra – um relato sobre o surgimento e o auge do grupo Mídia Ninja, nas manifestações de junho de 2013 – as conexões com as funções do gênero diário e as implicações da escrita íntima a partir dos estudiosos das narrativas de si, Paula Sibilia, Denise Schittine e, especialmente, Philippe Lejeune. No percurso, percebemos a aplicabilidade, ao texto, de temas ligados às narrativas midiáticas contemporâneas como hipertexto, fragmentação e hibridação de estilos (do coloquial ao jornalístico, da norma urbana de prestígio ao literário) e suportes (texto impresso, site da revista, redes sociais como Facebook e Twitter). Verificamos que o autor se beneficiou de funções/especificidades do gênero diário como datação, construção de imagem/identidade, deliberação e arquivo; e ainda da proximidade com a realidade (verossimilhança) oferecida pelos links das transmissões em streaming – inscritos na versão impressa e acessíveis na versão on-line. Torturra expõe sua intimidade, se ficionaliza, manifesta alternadamente e ambigualmente êxtase, prudência e desconforto com a notoriedade e a exposição pública. Constatamos no nosso autor-personagem-protagonista, não apenas a confirmação do “pacto autobiográfico”, definido por Lejeune como a crença, por parte do leitor, na coincidência dessas três instâncias, mas também o sujeito descentrado da psicanálise, sem controle sobre o próprio discurso. Encontramo-nos, enfim, com um “sujeito-jornalista” em crise, num jornalismo questionado pelas narrativas midiáticas independentes, buscando e encontrando – ou não – na escrita íntima, na narrativa de si, e por que não dizer, no diário, o sentido para o próprio “estar no mundo”.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.
- LEJEUNE, P. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- RABAÇA, C; BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SCHITTINE, D. **Blog: Comunicação e escrita íntima na internet.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TORTURRA, B. **O olho da rua.** Revista Piauí. Editora Abril, São Paulo, Edição 87, dezembro de 2013. Disponível em <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-87/questoes-de-midia-e-politica/olho-da-rua>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

TRIGO DE SOUZA, L. **Rádios.Internet.br: O rádio que caiu na rede...** Revista USP, São Paulo, n.56, p. 92-99, dezembro/fevereiro 2002-2003. Disponível em:<<http://www.usp.br/revistausp/56/12-ligia.pdf>>. Acesso em 15 ago. 2014.